

Colecção António Cachola: Jogo de Espelhos

O título escolhido para esta nova etapa expositiva da Colecção António Cachola refere não apenas uma das obras centrais da nova montagem, o novo conjunto escultórico e monumental de ferro, vidro e espelhos que José Pedro Croft instalou numa das alas superiores do Museu, como a modalidade de constituição da Colecção que dá sentido ao projecto do MACE: uma colecção aberta às várias tendências contemporâneas, aos seus efeitos de reflexo e reenvio, de multiplicação e fragmentação.

Para além do destaque colocado na obra de Croft (acrescentado ainda com a apresentação de numerosas gravuras) as restantes salas do Museu e a habitual extensão da montagem ao Paiol de N.ª Sr.ª da Conceição apresentarão apenas obras inéditas na colecção. Nas duas etapas desta mostra (Janeiro e Julho) serão mostradas obras de autores como Pedro Cabrita Reis, Fernanda Fragateiro, Rui Sanches, Nuno Silva, Filipa César, Alexandre Farto, Inês Botelho, João Jacinto, Edgar Martins, Maria Lusitano, João Onofre, Luís Palma, Mauro Cerqueira, Noé Sendas, Isabel Simões, Fátima Mendonça, Daniel Barroca, Pedro Portugal, Ricardo Leandro e César Engstrom, João Louro, João Paulo Feliciano, entre outros.

Será também apresentada, pela primeira vez em Elvas, a obra “Valquíria Excesso” da artista Joana Vasconcelos.



A 6.ª exposição da Colecção António Cachola no MACE apresenta obras de cariz muito diverso, embora unidas numa característica global comum: a de serem peças nunca apresentadas nas mostras anteriores por falta de oportunidade temática ou de espaço de montagem ou de condições técnicas de apresentação ou, finalmente, por terem sido apenas muito recentemente adquiridas. Algumas são mesmo inéditas, nunca tendo sido apresentadas em Portugal ou tendo saído directamente do *atelier* do artista para o Museu.

Uma escultura de tecto, inédita e recém-terminada de **Pedro Cabrita Reis** (*Eclipse*, 2009) introduz uma nota de surpresa e absurdo, uma leveza que contraria a gravidade e, ao mesmo tempo, confirma a versatilidade do artista na manipulação dos conceitos e de objectos recuperados recontextualizados.

De **João Jacinto** apresenta-se um conjunto de cinco auto-retratos onde a tarefa introspectiva do artista é exacerbada a um grau de exasperação expressiva que se reflecte na imagem, no tratamento dos materiais e do suporte.



Adquirimos recentemente uma das suas mais significativas peças de **João Paulo Feliciano**. Com importante curriculum internacional e grande capacidade de interacção com o ambiente e o espectador, *The Blues Quartet* (2005) cria um ambiente sonoro e visual intenso, animado pela

música seleccionada pelo artista (que é também reconhecido músico experimental), por imagens que radicam nessa mesma cultura musical ou em subtis efeitos ópticos.

De **João Louro** apresenta-se uma grande peça (*Dead End #2*, 2001), composta de uma multiplicidade de peças menores e cujos significados se potenciam no jogo entre as convenções da sinalização vertical do trânsito automóvel, urbano e de estrada e os conteúdos, que são do domínio da literatura, da filosofia e da política. Na mesma sala, a peça de **Inês Botelho**, (*Protecção resistente-desistente*, 2008) evoca, subvertendo o seu espaço e limites tradicionais, um ringue de boxe, com as suas conotações de violência explícita e contida.

Três desenhos ocupam a última sala do piso 2. Um testemunho da obra prolífera e barroca de **Pedro Proença** nos anos de 1980 (*Sem título*, 1998), um recente exercício de informalismo e escrita de **Daniel Barroca** (*Sem título*, 2010) e, de **Diogo Pimentão** (*Desenho*, 2009), uma radical abordagem da disciplina do desenho através de uma solução de instalação e de um gesto performativo: uma interminável sequência de fósforos queimados desenha uma linha incerta que, afinal, podemos designar também como escultura efémera.

Do conjunto de vídeos, destaque para um integrando a colecção desde o seu início (João Onofre), enquanto outros, de aquisição recente (Maria Lusitano e Mauro Cerqueira), ocupam os três espaços tradicionalmente dedicados a este *medium*. **João Onofre** (*Sem título, We will never be boring*, 1997) refere a violência das relações inter-pessoais, **Maria Lusitano** reflecte, em *The war correspondent* (2009), sobre as relações entre o real violento e quem sobre ele pensa. Finalmente, os trabalhos em vídeo de **Mauro Cerqueira** (*A festa do fim do mundo*, 2008 e *Os joelhos em sangue sobre a neve*, 2009) colocam-nos numa radical linha de fronteira entre a resistência física e psicológica.

Ainda no interior do MACE, mas numa sala onde a matriz barroca do edifício é mais exaltada, o Consistório, uma nova obra substitui *A Noiva*, que vai estar presente

(assim como as restantes duas peças da colecção Cachola) na antológica de **Joana Vasconcelos** a realizar em breve no Museu Colecção Berardo. Trata-se de *Valquíria Excesso* (2005), onde a artista desenvolve, em delírio e em tensão com o espaço religioso que a rodeia, a sua apelativa linguagem cromática e formal.

Já no exterior, no espaço do Paiol de N.^a Sr.^a da Conceição, desde sempre associado ao Museu, **Rui Sanches** e **Fernanda Fragateiro** mostram duas esculturas nunca vistas em Portugal: uma, realizada e apresentada nos EUA nos anos de 1980, foi refeita para integrar a colecção; a outra representou Portugal numa exposição integrada na Feira Arco, em Madrid, no ano de 1998. A desconstrução de volumes que caracterizou a escultura de Sanches nos anos 80 e as suas referências ao classicismo (neste caso, à pintura de Poussin) estão claras na sua peça *Sagrada família nos degraus* (1982). As preocupações e interesses de Fragateiro pela questão feminina e a sua contextualização no espaço doméstico e arquitectónico ou no domínio da palavra estão já patentes na sua escultura *Expectativas de uma paisagem de acontecimentos, III*.

Também **Nuno Silva**, através de *Semi-frio (feedback #4)* (2000), evoca-nos a memória e persistência da arte cinética e da utilização da luz, permitindo uma desmultiplicação ilusória do espaço e da circulação do espectador.

Destaque ainda para uma pintura de **Pedro Portugal** (p.5 uP96, 1998), na Recepção do Museu.

Pedro Portugal pertence ao mais jovem grupo de artistas caracterizadores dos primeiros anos de 1980; usa de modo descomplexado e provocador signos, por vezes contraditórios, citados de movimentos e artistas históricos.



João Pinharanda
(Director de Programação do MACE)

Jogo de Espelhos
23 Janeiro – 04 Julho | 10